

DIÁRIO DE UM COMBATENTE

LUIZ BERNARDO PERICÁS*

RESUMO

Este artigo discute a publicação no Brasil dos diários de Che Guevara escritos no período da guerra revolucionária em Cuba e mostra também, panoramicamente, a importância de seus registros pessoais durante suas viagens pela América Latina e sua participação nas guerrilhas no Congo e na Bolívia, dando centralidade a seus journals como documentos históricos relevantes.

PALAVRAS-CHAVE: Che Guevara; revolução cubana; marxismo; socialismo.

ABSTRACT

This paper discusses the publication in Brazil of Che Guevara's diaries written during the revolutionary war in Cuba and shows - although panoramically - the importance of his personal records during his trips throughout Latin American and his participation in the Congo and Bolivia guerrillas stressing the importance of his journals as relevant historical documents.

KEYWORDS: Che Guevara; cuban revolution; marxism; socialism.

Em 1894, durante sete meses, o jovem Jack London (que anos mais tarde se tornaria um dos mais famosos escritores de sua época) cruzou os Estados Unidos de trem, como o faziam centenas de *bobos* e desempregados naquele momento de intensa crise econômica. Suas viagens eram realizadas nas piores condições possíveis: em cima do teto das composições, enganchado embaixo dos coches ou nas plataformas dos vagões. Ou seja, London era, para todos os efeitos, um clandestino. E a polícia, como se pode imaginar, estava sempre em seu encalço: só lhe restava fugir e continuar seu percurso de riscos e emoções. Nesta aventura, o rapaz de dezoito anos chegou a ficar preso por trinta dias na Penitenciária de Erie County, Nova Iorque; viu como agiam os agentes da lei contra os menos favorecidos; compartilhou histórias e refeições, em noites geladas, com vagabundos de todo o país, em volta de fogueiras improvisadas; e observou com acuidade o drama humano em cada lugar por onde passava. Ao longo do trajeto, levava um diário, que preenchia sempre que tinha algum tempo. Um documento rico, que retratava em cores fortes os medos, as angústias, as alegrias e as esperanças de toda uma geração naquele final de século. Guardadas durante pouco mais de dois lustros, suas anotações iriam servir de base para artigos sobre seus tempos de *globetrotter*, publicados na revista *Cosmopolitan*, e em seguida, coligidos e lançados no livro *The Road*,¹ pela Macmillan, em 1907.

London é apenas um exemplo do escritor de diários contumaz que deixaria um importante legado para a literatura universal. Ernesto Guevara de la Serna, grande admirador do autor californiano, seguiria por um caminho parecido.

Na verdade, o Che e os livros sempre andaram juntos. E as observações de Fuser (o “Furibundo Serna”, como o chamavam os amigos) sofreriam constantemente a mediação da literatura. Basta lembrar que quando foi ferido em Alegria del Pío, Cuba, poucos dias após o desembarque dos expedicionários do *Granma*, e achando que não

sobreviveria ao tiro de raspão que havia recebido no pescoço, o Che escreveria, em seu já clássico *Passagens da guerra revolucionária*,² que naquele momento dramático só conseguia se recordar de um conto de London, ambientado no Alasca, em que o protagonista, encostado numa árvore, sem conseguir acender uma fogueira, e sabendo que iria inevitavelmente perder a vida por congelamento, decidira, pelo menos, terminar sua existência com dignidade. Tratava-se de *To Build a Fire*, uma célebre *short story* do autor de *Caninos brancos*.

A imagem e a influência de London, uma espécie de *beatnik avant la lettre*, seguiu Guevara por toda a vida. Aventureiro, intelectual, espírito livre, socialista convicto, viajante e polemista. Assim podia ser descrito Jack London. E também o Che.

Há quem diga, como o argentino Ricardo Piglia, em sua coletânea de ensaios *El último lector*, que Ernesto, no fundo, sempre perseguiu a carreira literária.³ De fato, desde garoto, Chanchó (outro apelido dado por seus amigos, por causa de sua displicência e pouco interesse no asseio pessoal) era um amante da leitura. Aproveitando o ambiente familiar favorável às discussões e estudos, e a biblioteca dos pais, com milhares de volumes, lia tudo o que podia pôr as mãos. De Emilio Salgari e Julio Verne a Nazim Hikmet e Pablo Neruda; de Marx e Engels a Lênin e Freud. Na juventude se interessaria também por Gandhi e Nehru, Borges e Sábato, Traven e Faulkner, Russell e Huxley, Martí e Mariátegui. Obras de poesia, ficção científica, capa e espada, filosofia, biografias, arqueologia, história, política. Devorava os textos e mais tarde, como “autor” em fase de amadurecimento, ia anotando tudo em seu *Dicionário filosófico* (sete cadernos escritos à mão com verbetes sobre assuntos variados).

Os diários de seus périplos pela América Latina seriam também parte de seu processo de autoconhecimento. Suas viagens, como se sabe, se mostrariam mais “educativas” do que ele próprio poderia imaginar.

Em sua busca por aventura, encontraria um continente, um povo e um destino. Aquelas seriam jornadas por milhares de quilômetros em moto, caminhões, trens e barcos. Mas também uma jornada interior. E de cada experiência, sairia profundamente afetado, alterado, transformado. Daí a metamorfose do jovem “aventureiro” Ernesto no lendário líder guerrilheiro Che Guevara.

O mesmo Piglia aponta que o Che, na verdade, escreveu um único “grande” diário de 1945 a 1967. Há sentido nisso. Existem vários diários de Guevara, alguns elaborados em seus tempos de juventude, como viajante, quando ainda era chamado de Fuser, Chanco e Pelao, e três quando já se tornara o líder guerrilheiro em Cuba, Congo e Bolívia. O primeiro seria de 1950, época em que percorreu a Argentina numa bicicleta motorizada, passando pelos vales de Cachaquies e os Andes, Tucumán, Mendoza, Salta, Jujuy e la Rioja: ao todo, 4.700 quilômetros. No ano seguinte, partiria como “médico” a bordo do navio-tanque *Anna G*, da YPF, passando seis semanas trabalhando em alto mar. Suas viagens de barco em 1951 o levariam para o Brasil, Patagônia, Trinidad y Tobago, Curaçao, Guiana Inglesa e Venezuela. Na ocasião, escreveria um relato autobiográfico, *Angustia (eso es cierto)*. Difícil não fazer paralelos com *The Sea Is My Brother*, o livro até poucos anos atrás inédito, de Jack Kerouac, escrito em 1943, quando este também estava na marinha mercante. O último diário do Che, o de sua gesta em Ñancahuazú, não foi reelaborado, por motivos óbvios. Guevara seria brutalmente assassinado em 9 de outubro de 1967, pelos militares bolivianos.

O *Diário de um combatente*, por seu lado, publicado no Brasil pela Planeta, em 2012, é o material bruto, seco e quase completo (como aponta o Centro de Estudos Che Guevara, responsável pela edição original, há “ausência de trechos e páginas importantes”)⁴ escrito durante a luta guerrilheira em Cuba até o triunfo da revolução, e que anos mais tarde foi reescrito, dando aos distintos episódios que viveu e anotou,

tratamento literário. Neste caso (como em alguns outros), foram feitas revisões, modificações, as arestas aparadas, nomes de personagens e locais checados, as frases, construídas de forma cuidadosa, sempre com a constante preocupação em ser o mais fiel possível aos fatos. A versão definitiva seria publicada com o título *Passagens da guerra revolucionária*, em 1963. Este, um costume de Guevara: trabalhar, *a posteriori*, como um artesão, cada um de seus escritos. Suas memórias iriam se juntar a outras já consagradas universalmente, tanto as de gente comum, anônima, como também aquelas de militares, políticos, celebridades e artistas, narrativas de grande importância histórica por ajudar a compor o mosaico de determinada época, com descrições de costumes, clima, geografia, situação política e econômica, e (por que não dizer também) as angústias e ansiedades de seus autores.

Há diários menos conhecidos, como o de William Buckley, que em meados do século XVIII descreveria a vida rural em Anglesey, detalhando tanto as estações do ano como o casamento de sua filha com um pirata. Por um período de 26 anos, manteria seu *journal* em dia, uma preciosidade para os estudiosos do período.

Também há o de Martha Ballard, que entre 1785 e 1812 nos mostra como era a vida na Nova Inglaterra; ou o sugestivo “Diário de Dixie”, a visão feminina de Mary Boykin Chesnut do Sul dos Estados Unidos, entre 1859 e 1861. A antropóloga Alice Cunningham Fletcher, por sua vez, escreveria seus diários durante seis semanas em 1881, numa aldeia Sioux, território de Dakota.

Na verdade, o século XIX é prolixo neste tipo de literatura. É só lembrar os registros de pioneiros, imigrantes e soldados da Guerra Civil norte-americana. São exemplos os de William Becknell, nas expedições de Boon’s Lick a Santa Fe em 1823; o de Edwin Bryant, intitulado *What I Saw in California*, de 1846; o de Henry W. Bigler, empregado da Sutter and Marshall Sawmill, que narrou a descoberta do ouro lá, entre 1847 e

1848; assim como o “*Gold Rush Diary*” do médico Charles E. Boyle, de Columbus, um dos sessenta “aventureiros” daquela cidade a ir, em 1849, procurar o metal precioso na “*Bear Flag Republic*”; e o do soldado William Addison Bushnell, voluntário do “*Golden State*” que, entre 1864 e 1866, descreveria suas experiências até chegar e viver no Fort Goodwin, território do Arizona.

Por certo, há diários mais conhecidos. E, é claro, mais emblemáticos. Consagrados são os escritos por Anne Frank, Etty Hillesum e Victor Klemperer. Ou de escritores como Dostoievsky, Albert Camus, Lord Byron, Franz Kafka, Flaubert, Graham Greene, Virginia Woolf e André Gide. E muitos outros, de civis ou combatentes na Primeira Guerra Mundial, na Guerra Civil Espanhola ou na Segunda Guerra Mundial.

Houve também o caso inverso. Ou seja, a literatura se apropriando da forma “diário”. É só recordar os casos do *Memorial de Aires*, de Machado de Assis, de *O diário de Kostia Riabtzev*, do escritor de “realismo proletário” soviético Nikolai Ognev e *O diário de um louco*, de Gogol.

Guevara certamente havia lido os relatos e memórias de muitos artistas, estadistas e participantes de conflitos. E os clássicos da literatura universal. Todas essas obras, memorialísticas ou ficcionais, ficariam incrustadas em sua mente e ajudariam a moldar seu caráter. Mais tarde, suas próprias narrativas se incorporariam ao mesmo legado, assim como, em menor escala, os diários de outros combatentes, como o de Raúl Castro durante a revolução cubana, e posteriormente, os de Pombo, Rolando, Braulio e Pacho, durante a campanha do ELN na Bolívia.⁵

A primeira viagem por terra de Guevara pela América do Sul (talvez a mais emblemática), acompanhado do amigo Alberto Granado, abrirá seus olhos para o continente. Seu périplo, que tem início em 29 de dezembro de 1951 (mas que começa *de fato* em 4 de janeiro de 1952), na Argentina, durará quase oito meses. Os dois rapazes partiram numa

motocicleta Norton 500 cc, modelo 1939, apelidada de *La Poderosa* (que quebrou ao longo do trajeto) e depois seguiram seu caminho usando todas as formas de transporte disponíveis, até mesmo, barcos e caminhões. Neste período, percorreram mais de 9. 000 quilômetros e visitaram o Chile, Peru, Colômbia e Venezuela. O jovem Ernesto ficará fascinado com a cultura indígena e com Machu Picchu; indignado com o tratamento que era dispensado aos operários mineiros chilenos; enternecido com os pacientes dos leprosários que conheceu. Ele retornará a Buenos Aires em agosto e escreverá seus célebres *Diários de motocicleta* (também conhecidos como *Notas de viaje*), baseado nas anotações que fizera enquanto estava na estrada.⁶

A próxima empreitada seria feita com outro colega, Carlos “Calica” Ferrer, mas seguiria caminhos diferentes. O objetivo inicial era chegar à Venezuela, onde morava, então, Granado. Queria rever o amigo e, quem sabe, conseguir um emprego por lá. Em julho de 1953, tendo concluído seus estudos e se formado em medicina, Ernesto, acompanhado de Calica, parte da estação ferroviária General Belgrano, na capital do país, num trem para a Bolívia, onde uma revolução nacionalista havia triunfado no ano anterior. Guevara verá de perto pela primeira vez uma experiência revolucionária: camponeses e mineiros se mobilizando de armas nas mãos, grandes movimentações populares nas ruas, o MNR, o POR e a COB tentando influenciar o resultado dos acontecimentos. O jovem Che, na ocasião, conversará com militares, com populares e com membros da elite *paceña*, e até mesmo terá um encontro com Ñuflo Chávez, o ministro de Assuntos Camponeses. Os livros, inclusive aqueles sobre o marxismo, o acompanham. E seu diário também.

Com Calica, em seguida, atravessou a fronteira com o Peru, onde conheceu alguns exilados latino-americanos e se inteirou do que ocorria na Guatemala. A política cada vez mais absorvia o jovem rebelde. Ferrer

decide voltar à Argentina e Guevara desiste de ir a Caracas. Seu objetivo agora é chegar à Guatemala e ver com os próprios olhos o que ocorre naquele país.⁷

Parte para o Equador, pega um barco da *United Fruit Company* e segue para o Panamá. De lá, para a Costa Rica, onde conhecerá cubanos que haviam participado do ataque ao Quartel Moncada e ao de Bayamo. Sua jornada prosseguirá até a Nicarágua, Honduras e finalmente a Guatemala. Lá travará amizade com outro exilado da ilha caribenha, o havaneiro Níco López, que será o primeiro a chamá-lo de Che. O apelido iria pegar e acompanhá-lo para sempre. Com ele, o argentino venderá objetos artesanais para se sustentar. Ernesto conseguirá, em seguida, um trabalho no centro de professores na capital. E conhecerá a aprista peruana Hilda Gadea, exilada no país, e que mais tarde se tornaria sua primeira esposa. As conversas com ela serão sobre clássicos do marxismo, como o *Manifesto comunista*; *A origem da propriedade privada, o Estado e a família*; *O imperialismo, fase superior do capitalismo*; *O antiDürring*; *Que fazer?*; *Do socialismo utópico ao socialismo científico*; *O capital*; *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*; *El alma matinal* (ele continuaria a se aprofundar no estudo destes clássicos ao longo do tempo); e obras de romancistas, contistas e poetas como Lorca, Vallejo, Borges, Whitman, León Felipe, Kipling. Fará uma breve visita a El Salvador e retornará à Guatemala, que vivia um momento de grande efervescência política.

O presidente Jacobo Arbenz tentava imprimir uma política progressista no país, com apoio dos comunistas do PGT (Partido Guatemalteco do Trabalho). Na pauta do dirigente, a promulgação do Decreto 900, que instituía uma reforma agrária a partir de confiscos e distribuição de terras por parte do governo, que depois as arrendaria a camponeses ou cooperativas rurais. Boa parte das propriedades da *United Fruit Company* já havia sido confiscada, e com a radicalização do regime, o presidente ganhava a cada dia mais apoio da população e de setores das

Forças Armadas. Washington, vendo ali o “perigo vermelho”, não permitiria que isso continuasse. Em pouco tempo, impor-se-ia uma quarentena marítima ao país (para evitar a chegada de navios trazendo armas compradas de países do bloco socialista) e financiaria grupos rebeldes que queriam destituir o mandatário.

Durante a tentativa de derrocar o governo de Jacobo Arbenz, Guevara defenderia que se lutasse de armas na mão contra as tropas de exilados guatemaltecos (que eram poucas e mal equipadas), provenientes de Honduras, lideradas pelo coronel Castillo Armas e apoiadas pela administração Eisenhower. Mas não houve resistência. Os invasores fizeram bombardeios com aviões e entraram no país sem oposição do exército. Arbenz renunciou ao cargo e Ernesto foi obrigado a se refugiar na embaixada argentina. Afinal de contas, seu nome aparentemente constava numa lista de subversivos e sua vida corria perigo.

A maioria dos asilados na representação diplomática foi mandada de volta a Buenos Aires, mas o Che (que considerava sua experiência guatemalteca como aquela que o tornara um revolucionário) preferiu continuar sua viagem para o México. Durante o percurso de trem de Chiapas para a capital, tornou-se amigo de Julio Roberto Cáceres, “El Patojo”, e com ele iria morar e também trabalhar como fotógrafo ambulante para ganhar uns trocados. Ernesto conseguiria, depois, um emprego como médico, no setor de alergia do Hospital Geral local, e reencontraria, por coincidência, Níco López, que lá havia ido acompanhar um colega enfermo. Foi através dele que Guevara iria conhecer outros compatriotas, membros do M-26-7, e seus dois principais dirigentes, Raúl e Fidel Castro, com o qual teria um encontro que seria definidor em sua vida.

No dia 15 de maio de 1955, Fidel Castro era anistiado e solto da prisão na ilha de Pinos, onde cumprira pena durante 22 meses pelo ataque ao Moncada, e em 9 de julho, ia para o México, com a intenção de

reorganizar o movimento revolucionário para lutar contra a ditadura de Fulgencio Batista. Seria na Cidade do México, num jantar na casa da cubana María Antonia González, na rua Emparan 49C, que os dois se conheceriam. Diz a lenda que Guevara e Fidel conversaram das oito horas da noite às cinco da manhã. E que em seguida, o Che se tornaria, depois do próprio Fidel e de Raúl, o terceiro membro da expedição que pretendia desembarcar em Cuba para iniciar a luta revolucionária naquele país.

No México, Ernesto se casaria com Hilda (com quem se relacionava desde a Guatemala e que já estava grávida); visitaria ruínas maias em Palenque, Uxmal e Chichen Itza; tentaria, sem sucesso, chegar ao topo do Popocatepetl; participaria da cobertura dos IV Jogos Panamericanos para a Agência Latina; e treinaria, com destaque, no grupo liderado por Fidel. Na época, foi-lhe oferecida uma cátedra de fisiologia na UNAM. Mas ele diria, numa carta à mãe: “não me vejo como professor nem da escola primária”. Dar aulas profissionalmente não estava nos planos do futuro ministro das Indústrias de Cuba.

Não abandonaria a literatura. Naquele período, se aprofundaria no estudo autodidata do marxismo, frequentaria o Instituto Cultural Russo-Mexicano e leria obras como *México insurgente*, de John Reed (outro “aventureiro” que se tornaria “comunista”), *Memórias de Pancho Villa*, de Martín Luis Guzmán e algumas de autores soviéticos, como Ostrovski, Tchapaiev e Polevoi.

O tempo corria, os preparativos para a expedição de “invasão” a Cuba se acelerando. Ainda assim, o Che tinha dúvidas sobre o que faria da vida. Em cartas para a mãe e para a amiga Tita Infante, falava que tinha planos para ir ao Alasca (vemos aqui, novamente, a influência de London), à China, à Índia ou até mesmo, conseguir uma bolsa para estudar na França.

Aquele período intenso ainda foi marcado por sua prisão pela polícia mexicana, que o deixaria 57 dias atrás das grades. E também, pelo nascimento de sua primeira filha, Hildita, em 15 de fevereiro de 1956, alguns meses antes de ser encarcerado. “A menina é a cara de Mao Tsé-tung”, diria o argentino. Os diários de Guevara desta segunda jornada, mais tarde intitulados *Outra vez*, terminam justamente aí (em fevereiro), com uma frase emblemática: “Este ano pode ser importante para o meu futuro”. E foi. Ele retomaria a escrita em Cuba, logo depois da chegada no país, já como guerrilheiro.

Em setembro de 1956, Fidel compra um barco, o iate *Granma*, de propriedade do norte-americano Robert B. Erickson. É uma embarcação pequena, reformada, construída em 1943, de apenas 19, 2 metros, com dois motores Gray de 250 cavalos de força e capacidade para somente vinte e poucos passageiros. Teria de servir. E no *Granma*, amontoados, partiriam do porto de Tuxpán, na madrugada de 25 de novembro, 82 combatentes, entre os quais Raúl, Ramiro Valdéz, Juan Almeida, Camilo Cienfuegos e Ciro Redondo, homens que mais tarde se destacariam política e militarmente, durante o processo revolucionário. Mais de 50 guerrilheiros foram deixados para trás, por não haver mais lugar no iate sobrecarregado de armas, munições, alimentos e pessoas.

Com o mar agitado, o barco pesado e um dos motores em pane, o *Granma* só conseguiu atingir uma velocidade de 7, 2 nós, e levou sete dias para chegar a seu destino. Guevara, na época com 28 anos, iria lutar durante 25 meses num país que não conhecia. Por isso, não é de se estranhar que uma de suas primeiras providências, pouco tempo depois do desembarque, fosse conseguir um livro de história básica de Cuba, e outro, de geografia geral da ilha (entrada do diário de 29 de dezembro de 1956). E também que pudesse se equivocar em alguns momentos com nomes de lugares e pessoas em seus diários.

Cuba tinha 6 milhões de habitantes, e por volta de um milhão de filiados nos sindicatos. Os comentaristas mais conservadores apontam que em 1952, por exemplo, o país ocupava o terceiro lugar em renda per capita na América Latina; o segundo país em consumo de carne per capita do continente; o segundo em milhagem de estradas pavimentadas por mil milhas quadradas de território; o segundo na proporção de médicos em relação à população; e o terceiro em nível de salários pagos a 500 mil trabalhadores na indústria açucareira. Teria aparentemente superado todas as repúblicas da América Central juntas em volume de exportações e havia paridade do peso com o dólar.⁸

De acordo com o censo de 1953, havia 327. 208 operários nas indústrias, 395. 904 no setor de serviços, 232. 323 no comércio e 104. 003 nos transportes, totalizando 1. 059. 438, ao mesmo tempo em que no campo, no setor agrícola, eram 818. 906 trabalhadores. No final da década de cinquenta, o país possuía um automóvel para cada grupo de 39 pessoas e um aparelho de rádio em cada cinco. Em torno de 57% da população era urbana, sendo que mais de metade vivia em cidades com mais de 25 mil habitantes e um terço, em quatro cidades com mais de 100 mil pessoas. Um sexto da população vivia em Havana. E um terço da mesma era considerada de classe média.⁹

O historiador Theodore Draper diz que em 1958, a renda per capita do país era de US\$ 356, maior do que a do México, que correspondia a US\$ 263. A ilha teria a terceira maior renda per capita do continente, só atrás da Argentina e Venezuela. A expectativa de vida, por seu lado, era de 58, 8 anos. E pelo menos 70 jornais eram publicados em Cuba, 18 somente em Havana, os maiores deles com tiragens de até 580 mil exemplares diários.¹⁰

Mas o painel político, econômico e social era bem mais complexo do que pode parecer, com uma enorme dependência de Cuba com os Estados Unidos. Como bem mostra Francisco López Segrera (que

recebeu a menção honrosa do Prêmio Casa de las Américas em 1972 por seu *Cuba: capitalismo dependiente y subdesarrollo*), em 1958, 40% da produção açucareira, 90% dos serviços elétricos e telefônicos, 50% das ferrovias e 23% das indústrias não-açucareiras eram propriedade norte-americana, enquanto o capital bancário em mãos cubanas, que atingia o nível de 60%, era utilizado basicamente para favorecer as corporações monopolistas estrangeiras.¹¹ Durante o governo Batista, se instalaram na ilha empresas como a International Telephone and Telegraph, Esso, Texaco, Sinclair Oil, Lone Star Cement, U. S. Rubber, Firestone, American Agricultural Chemicals, Procter and Gamble, entre outras. A produção de borracha e pneus estava monopolizada pela U. S. Rubber e Firestone; aproximadamente 80% da produção de sabão era controlada pela Palmolive e Procter and Gamble; por volta de 80% das máquinas para engenhos eram produzidas por uma única empresa em Sagua la Grande; apenas duas fábricas de papéis supriam toda a demanda do produto no país; a American Agricultural Chemicals produzia quase todos os fertilizantes usados na ilha; toda a produção de *rayon* estava nas mãos da Rayonera de Matanzas; e quase toda a produção têxtil era controlada pela Textilera Ariguanabo. O grupo Rockefeller era o principal acionista da Moa Bay Mining, Freeport Sulphur Co., Nickel Processing Corp., Goodyear Tire and Rubber, Standard Oil e Chase Manhattan Bank; a Morgan, da Sun Oil, Coca-Cola, Cuban Tobacco, B. F. Goodrich e Procter and Gamble; a Sullivan & Cromwell, da King Ranch, Pepsi-Cola, Sears, Woolworth; o First National Bank, da Grace and Co., Owens Illinois Glass, Phelps Dodge e Compañia Cubana de Teléfonos; o grupo de Chicago, da Swift and Co., Armour and Co., e da Liquid Carbonic of Cuba; os Manufacturers Hanover Trust, da Compañia Cubana de Electricidad, Colgate e Palmolive; entre outras. Essas indústrias, implantadas durante o governo Batista, utilizavam 74% de

matérias-primas importadas. Em 1958, a província de Havana concentrava 75% de toda a produção industrial não-açucareira do país.¹²

É bom lembrar que o desemprego era um problema crônico na ilha. Cerca de 25% da força de trabalho encontrava-se desempregada no começo dos anos cinquenta. O açúcar representava mais de 75% das exportações do país, mas os trabalhadores só eram necessários durante um período de três ou quatro meses durante o ano. Entre 1956 e 1957, o desemprego foi de 9% durante a safra e 20% depois dela.¹³

O capital norte-americano controlava pelo menos 30 das 161 usinas açucareiras da ilha. Dois editores da revista *Monthly Review*, Leo Huberman e Paul Baran, mostram que a renda per capita média dos trabalhadores cubanos entre 1950 e 1954, era de aproximadamente US\$ 312 (um valor abaixo do apresentado por Draper), o equivalente a seis dólares por semana.¹⁴ Já o índice de crescimento econômico médio anual de Cuba estava em torno de 1,5%, um dos menores do mundo.¹⁵

O já citado López Segrera ainda aponta que em 1956, de um total de US\$ 58,5 milhões em investimentos diretos, US\$ 41,4 milhões haviam sido transferidos novamente para o exterior. E a dívida externa do país chegava a US\$ 788 milhões na mesma época, enquanto as reservas internacionais foram de US\$ 500 milhões em 1952 para US\$ 100 milhões no final da década.¹⁶

Vale recordar que a corrupção era explícita; a burocracia estatal enorme; o serviço público, inchado e ineficiente; o superfaturamento de obras e desvios de verbas, algo comum; e a promiscuidade entre o governo Batista e mafiosos, gangsteres e políticos norte-americanos, um traço característico do país. A repressão aos opositores do regime, aos estudantes e a setores do proletariado, como se pode imaginar, bastante violenta. Quaisquer tentativas de protestos contra o governo eram sufocadas com imensa agressividade pelas autoridades do país. Batista, além do mais, podia contar com cerca de 40 mil soldados em seu

exército, distribuídos em oito regimentos, que podiam receber, a qualquer hora, apoio da Força Aérea, que tinha 20 B-26, 17 F-47 e oito T-33, além de outras aeronaves com funções variadas.

Os revolucionários desembarcam em 2 de dezembro, em Belic, zona de Las Coloradas, na costa sul da província do Oriente, e poucos dias depois, na tarde do dia 5, em Alegría del Pío, perto de Niquero, são surpreendidos pelas forças de Batista, que eliminam muitos rebeldes e forçam os restantes a debandar. Só 22 homens de Fidel sobreviveriam e apenas 16 guerrilheiros conseguiriam se reagrupar e continuar a gesta revolucionária.

A primeira entrada do diário de combate do Che é do próprio dia 2, quando chega à ilha. Ele escreverá todos os dias, praticamente até o fim da campanha. A versão do diário editada pelo Centro de Estudos Che Guevara de Havana, para em 18 de novembro de 1958, e é retomada uma única vez, no dia 3 de dezembro. No dia 1º de janeiro de 1959, a revolução triunfaria.

Como se poderá perceber, as anotações de Guevara (por vezes entremeadas por alguns poucos desenhos e *sketches* de batalhas) não foram feitas para serem publicadas daquela forma. Eram notas, que serviriam para que mais tarde elaborasse seu texto definitivo, *Passagens da guerra revolucionária*, publicado em Cuba em 1963. Guevara, que começara a expedição como médico, seria promovido no ano de 1957 a capitão, em seguida se tornaria responsável por dirigir os 75 homens da chamada “Quarta Coluna” e elevado ao posto de comandante. E se tornaria uma lenda da revolução.

Após o reagrupamento dos sobreviventes, o caminho seria a Sierra Maestra, uma região bastante pobre, com uma população camponesa reduzida e esparsa, vivendo em condições precárias, em terras que eram, em boa medida, propriedades de grandes produtores rurais. O apoio dos camponeses seria importante ao longo do tempo.

A luta ganha força em 1957, com as primeiras vitórias dos rebeldes em La Plata e Arroyo del Infierno. Em março, porém, um revés trágico. É neste mês que o Diretório Revolucionário, em Havana, fará uma ação ousada: homens do grupo liderado por José Antonio Echeverría e Faure Chaumón, junto como militantes *auténticos* de Carlos Prío Socarrás, atacam o Palácio Presidencial e ocupam a *Radio Reloj* em Havana, mas são detidos pelas forças leais ao ditador Batista. Neste dia, Echeverría e mais de trinta rebeldes seriam assassinados, e o ataque, debelado. Pouco tempo depois, no final de julho, também seria homiziado o importante líder Frank País (que coordenava a organização clandestina do M-26-7 nas áreas urbanas e era, para todos os efeitos, o líder político “titular” do movimento, especialmente no Oriente), o que acarretará em manifestações por todo o país e uma greve geral em Santiago de Cuba em agosto (em setembro, o levante popular em Cienfuegos obrigará o regime a atacar violentamente a cidade, resultando num massacre de 300 homens de diferentes organizações políticas).

A luta no campo, contudo, cresce. Em maio de 1957, o desembarque na costa norte da Província do Oriente dos rebeldes do *Corinthia*, comandados por Calixto García e financiados por Prío Socarrás, e a batalha de Uvero; em julho, combate de Bueycito; em agosto, El Hombrito; em setembro, Pino del Agua; em novembro, a criação do jornal *El Cubano Libre*, no qual o Che escreverá; em dezembro, Altos de Conrado.

Começa o ano de 1958, e em fevereiro, um grupo do *Directorio*, liderado por Chamón, no iate *Scapade*, desembarca em Nuevitas, Camagüey. Os guerrilheiros se dirigem para a Sierra del Escambray. É naquele mesmo mês que a Rádio Rebelde começa a operar, com transmissões diretamente da Sierra Maestra, e que ocorre a segunda batalha de Pino del Agua. A Segunda Frente, comandada por Raúl Castro, é instalada na zona norte do Oriente cubano em março, mês em

que também é escrito o “Manifesto da Sierra Maestra”. A greve geral de abril, que causava grande expectativa, iria malograr.

Os acontecimentos se sucedem: respectivamente, batalhas de Las Mercedes, Buye Arriba, Santo Domingo, el Jigüe, Providencia, Las Vegas de Jibacoa; o Che, liderando sua coluna da Sierra Maestra em direção a Las Villas, chega às Escambray, onde se encontra com os chefes guerrilheiros do Diretório; o ataque e tomada do Quartel de Guínia de Miranda; o primeiro congresso camponês celebrado na II Frente Oriental (que recebera o nome de Frank País); a lei No. 3 da Reforma Agrária; a tomada do Quartel de La Maya. Em dezembro de 1958, Camilo Cienfuegos obtém a rendição do Quartel de Yaguajay. Mais emblemáticas naquele mês, contudo, foram as vitórias de Guevara, que conseguiu a rendição do Quartel de Fomento, assim como da cidade de Cabaiguán. Isso para não falar da tomada das cidades de Placetas, Remedios e Caibarién. E talvez o fato mais importante de todos: a vitória do Che na Batalha de Santa Clara. Em 1º de janeiro, a revolução triunfa.

Quando publicou seu *Passagens da guerra revolucionária*, Guevara deixou de lado várias observações e episódios contidos em seu diário. O Che, durante a luta guerrilheira, chegou a igualar o DR a um “grupo terrorista”, por exemplo.¹⁷ A *Sierra* também prevaleceria sobre o *Llano*, ou seja, a “planície”, as áreas urbanas. Com o assassinato de País e a consolidação de Fidel como líder incontestado, o mito da guerrilha rural cresceu, em detrimento do trabalho do M-26-7 nas cidades. Para Paul Dosal, o

Che não tinha apreço pelo trabalho que estava sendo feito por uma ala do M-26-7 conhecida como *Llano* (planície), a ala urbana do movimento. Ele acabou concluindo que um exército guerrilheiro devia se sustentar a si mesmo no campo, com pouco ou nenhum apoio das redes urbanas. Nos estágios iniciais da campanha cubana, todavia, o exército guerrilheiro de Castro sobreviveu graças ao apoio clandestino que recebeu de inúmeros agentes que trabalhavam ao alcance dos temíveis agentes do serviço de informações e da polícia de Batista, arriscando-se à tortura e à execução se capturados. Eles enfrentavam um perigo maior do que os guerrilheiros nas montanhas, onde os soldados ao menos

contavam com a segurança de residir em território que controlavam. Apesar da valiosa ajuda deles, Che criticou severamente os líderes urbanos do M-26-7 depois de sua primeira reunião com eles em fevereiro de 1957. Julgou-os precipitadamente, não pelo trabalho que faziam pelos guerrilheiros, mas pela ideologia deles.¹⁸

Na verdade a relação de Guevara com o *Llano* esteve em constante fricção. Isso seria demonstrado mais tarde em seu *Passagens*, uma interpretação muito pessoal da guerra. A ênfase seria dada à *Sierra*. Nesse sentido, o *Llano*, mesmo tendo perdido um número enorme de ativistas e militantes nas mãos da repressão batistiana, principalmente em Santiago e Havana, e de ter sido fundamental para a continuidade da guerrilha rural, foi retratado como menos importante no painel geral do processo.

A edição do diário cubano de Guevara, contudo, foi “saneada” em alguns momentos. Trechos importantes (e que já eram de domínio público desde o final da década de 1990, quando foi publicada a biografia escrita por Jon Lee Anderson), foram suprimidos no volume atual, como os detalhes da execução de Eutímio Guerra levada a cabo pelo argentino. Há um corte abrupto, por exemplo, no momento em que Fidel anunciou a execução do traidor. Na versão com supressões, o Che afirmaria: “A situação era incômoda para a gente e ele(...). Dormimos muito mal, molhados e eu com um pouco de asma”.¹⁹ No trecho completo, sem cortes, ele diria:

Era uma situação desconfortável para as pessoas e para ele [Eutímio], de modo que acabei com o problema dando-lhe um tiro com uma pistola calibre 32 no lado direito do crânio, com o orifício de saída no [lobo] temporal direito. Ele arquejou um pouco e [aparentemente] estava morto. Ao tratar de retirar seus pertences, não consegui soltar o relógio, que estava preso ao cinto por uma corrente e então ele me disse, em uma voz firme, destituída de medo: ‘Arranque-a fora, garoto, que diferença faz...’. Assim fiz e seus bens agora me pertenciam. Dormimos muito mal, molhados, e eu com um pouco de asma.²⁰

Guevara declararia o falecimento do agonizante Guerra dez minutos depois de seu disparo. A descrição do argentino é seca, protocolar. Havia cumprido uma tarefa revolucionária. E a descrevia agora como um médico.

No dia seguinte, também de maneira direta, completaria dizendo “logo cedo demos fim ao problema Eutimio, enterrando-o ali mesmo”.²¹ Em seguida, como se a preocupação agora já fosse outra, “foram feitos os preparativos para a partida de todos os grupos”.²² A luta deveria continuar.

Talvez a descrição gráfica da cena, a responsabilidade pessoal de Guevara pela execução e o fato de ter tomado os pertences daquele homem tenham levado os editores a evitar que se divulgasse informações desagradáveis, por *possivelmente* mostrar um lado do comandante que não deveria ser apresentado ao grande público leitor. Não há justificava para isso, contudo, e manter os diários na íntegra só tornaria aquele material um documento mais fiel e confiável para os estudiosos da vida e obra do guerrilheiro.

Mesmo que *Passagens da guerra revolucionária* seja um documento fundamental (ainda que parcial) sobre a revolução cubana, os diários originais, por seu lado, possuem uma importância histórica inequívoca e servem como complemento do livro publicado em 1963. Suas páginas certamente ajudam a iluminar outros aspectos, mais sutis, da vida de Che Guevara e de todo o processo revolucionário.

Notas

* Pós-doutorado pela Flacso (México). *Visiting Scholar* na University of Texas at Austin. Email: lberpicas@hotmail.com

¹ Disponível em: <http://www.hypeness.com.br/2013/09/familia-oferece-jantar-de-casamento-cancelado-para-moradores-de-rua>

² Ver GUEVARA, Ernesto Che. *Pasajes de la guerra revolucionaria*. Havana. Ediciones Unión/Narraciones/UNEAC, 1963. No Brasil, ver _____. *Sierra Maestra: da guerrilha ao poder*. São Paulo. Edições Populares, 1980.

³ Ver PIGLIA, Ricardo. *El ultimo lector*. Barcelona. Editorial Anagrama, 2005, pp. 103-138.

⁴ A edição original tem como referência GUEVARA, Ernesto Che. *Diario de un combatiente. Sierra Maestra-Santa Clara, 1956-1958*. México. Ocean Sur, 2011.

⁵ Os diários de Pombo (Harry Villegas Tamayo), Rolando (Eliseo Reyes Rodríguez), Braulio (Israel Reyes Zayas) e Pacho (Alberto Fernández Montes de Oca) foram publicados juntos *In: GALVARRO, Carlos Soria (org.). El Che en Bolivia, documentos y testimonios*. Vol. 4. Los otros diários y papeles. La Paz. CEDOIN, 1996.

⁶ Ver, por exemplo, GUEVARA, Ernesto Che. *Notas de viaje*. Madri. Ediciones Abril-Sodepaz, 1992.

⁷ Ver RODRIGUEZ, William Gálvez. *Viajes y aventuras del joven Ernesto*. Havana. Editorial de Ciencias Sociales, 1997; GUEVARA, Ernesto Che. *Otra vez, diário inédito da segunda viagem pela América Latina, 1953-1956*. Rio de Janeiro. Ediouro, 2003; FERRER, Carlos “Calica”. *De Ernesto a Che, a segunda e última viagem de Guevara pela América Latina*. São Paulo. Editora Planeta, 2009.

⁸ Ver RIVERO, Nicolas. *Fidel Castro, um dilema americano*. São Paulo. Dominus, 1963, p. 57.

⁹ Ver DRAPER, Theodore. *Castrismo, teoria e prática*. Rio de Janeiro. GRD, 1966, pp. 77-78.

¹⁰ *Ibid*, p. 98.

¹¹ Ver LOPEZ-SEGRERA, Francisco. *Cuba, capitalismo dependiente y subdesarrollo (1510-1959)*. Havana. Casa de las Américas, 1972, p. 277.

¹² *Ibid*, p. 351- 357.

¹³ Ver LE RIVEREND, Julio. *Historia económica de Cuba*. Havana. Instituto del Libro, 1967, p. 103.

¹⁴ Ver HUBERMAN, Leo; SWEEZY, Paul. *Cuba, Anatomy of a Revolution*. Nova Iorque. Monthly Review Press, 1960, p. 3.

¹⁵ Ver RIVERO, Nicolas. *Fidel Castro, um dilema americano*. p. 63.

¹⁶ LOPEZ-SEGRERA, *Op. Cit*, pp. 311; 342.

¹⁷ Ver DOSAL, Paul J. *Comandante Che, guerrilheiro, líder e estrategista, 1956-1967*. São Paulo. Globo, 2005, p. 133.

¹⁸ *Ibid*, p. 118.

¹⁹ *Idem*.

²⁰ Ver ANDERSON, Jon Lee. *Che Guevara, uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997, pp. 288-289; MARREIRO, Flávia. Centro dirigido por viúva de Che rejeitou introdução brasileira. *In: Folha de S. Paulo*. sábado, 12 de maio de 2012. Ilustrada, p. E5.

²¹ Ver GUEVARA, *Ibidem*, 2011, p. 57.

²² *Idem*.

Data de envio: 09/07/2013

Data de aceite: 13/07/2013